

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1972

UMA COLECÇÃO PARTICULAR DE MATERIAIS ROMANOS DE ARAMENHA

Até 1935, a maioria dos autores tomou como vestígios da antiga cidade de Medubriga ou Medobriga as ruínas de Aramenha, no concelho de Marvão. Dessa opinião eram Frei Amador Arrais e o P. Luís Cardoso (1). Outros autores mais recentes continuaram a localizar erradamente Medobriga na Aramenha e Ammaia em Portalegre (2). Em 1935, porém, Leite de Vasconcelos publicou uma inscrição achada na Aramenha, que veio provar ser aqui o lugar da antiga Ammaia (3).

As ruínas hoje visíveis são escassas. No século xvi, porém, Frei Amador Arrais escrevia: «Em meu tempo se acharam nas suas ruinas muytas columnas y sepulturas de mármore preciosos com elegantes letras, y moedas de ouro de bellissimas medalhas... Vense tãbem em todo o valle y varzea de Aramenha muytas torres y pontes sobre o rio sever, lastros e solhos de casas nobres bẽ ladrilhadas y lageadas, y hum cano de água doce, y outros indícios manifestos da antiga frequẽncia de gẽte que nella avia» (4).

Hoje, porém, as ruínas resumem-se a pouco. Quem se dirigir a Marvão, pela estrada nacional 359, verá, depois de ter passado pela ponte sobre o Sever, à sua esquerda, um pouco antes da aldeia de S. Salvador, um pedaço de muro, sobranceiro à referida estrada, que a tradição considera de origem romana.

P) Arraiz, 1846, p. 258-259 e Cardoso, 1758, tomo IV, n.º 34.

(2) Coelho, 1921, p. 13-19, e do mesmo autor, 1946, p. 2; ainda Keil, 1943, p. 96-97 e Correia, 1928, p. 243.

(3) Vasconcelos, 1935, p. 5 e s.

(4) Arraiz, 1846, p. 258-259.

Um pouco acima do referido muro e já em terreno arado, encontramos o que talvez possa ter sido o «podium» de um edifício religioso í¹).

Já na encosta, diz-se ter existido um circo, mas nada no-lo garante.

Mais bem conservadas e perfeitamente visíveis, temos três pontes: a do Ribeiro das Trutas, Madalena e Portagem. A última é a maior. Mede 52 metros de comprimento, tem cinco arcos e uma razoável largura de dorso. Por ela passaria, provavelmente, a via romana Olisipo-Emerita que nos é descrita no Itinerário de Antonino Pio (2).

Espalhados pelos campos e um pouco por toda a parte, são ainda visíveis fragmentos de cerâmica, tijolos, colunas de mármore ou cantarias, etc. Muitos destes materiais foram utilizados pelos habitantes dos arredores, umas vezes como elementos decorativos, outras como simples pedras de construção. Concretamente, podemos exemplificar com a Quinta do Deão, em cujo pátio se encontra uma pedra com epígrafe, embutida numa das paredes, na cozinha; dois capitéis suportam a trave da lareira e a própria mesa é uma pedra funerária. Ainda no quintal do Senhor Joaquim do Espírito Santo Raposo existem uma mó pouco vulgar no nosso país e uma inscrição já publicada por E. Jalhay (3).

Podemos, finalmente, falar na «Cova da Moura» muito discutida pela população que a ela liga histórias fantasistas e misteriosas. Esta cova parece ter sido galeria de antigas minas para exploração de ouro, prata ou chumbo (4).

De S. Salvador da Aramenha desapareceu um arco romano, que em 1710 foi transportado para Castelo de Vide e destruído em 1891 (5).

Nestes últimos anos cessaram as descobertas de sepulturas ou objectos de valor.

0) Jalhay, 1947, fig. 1; interpretação do Dr. Bairrão Oleiro.

(2) Keil, 1943, p. 97.

(8) Jalhay, 1947, fig. 7.

(4) Paço, 1953, p. 22.

(5) Vasconcelos, 1913, nota 2, p. 179; *História de Portugal*, 1928, p. 269; Coelho, 1921, p. 31.

Se ainda hoje os trabalhos agrícolas põem a descoberto qualquer fragmento de possível interesse, a falta de conhecimento dos homens do campo de novo o sepulta ou destrói para sempre.

Investigações de carácter sistemático, podemos considerá-las inexistentes. Temos apenas uma notícia em que Leite de Vasconcelos nos diz que, acompanhado do Senhor António Eusébio Benito Maçãs, escavou e recolheu objectos de cerâmica e vidro em diversas sepulturas (1). A colecção particular do Senhor António Maçãs, que agora apresento, foi reunida ao acaso das descobertas. Adquiriu e recolheu tudo o que lhe foi possível, escavando sepulturas quando lhe davam conhecimento delas ou comprando o que os habitantes da região encontravam. Foi providencial o seu interesse, pois os camponeses tinham por hábito estostrar os vidros e quebrar as peças de cerâmica.

A colecção do Senhor António Maçãs é formada por 20 exemplares de terra sigillata, 51 vasos de cerâmica comum, 15 peças de vidro, 18 pedras de anel gravadas e um anel de ouro completo. Publicamos neste artigo as peças de cerâmica e vidro. Além destes objectos, sabemos que foram dadas a Leite de Vasconcelos mais 57 peças (2), que actualmente figuram nas colecções do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (3).

A referida colecção de cerâmica e vidros encontra-se na casa de Portalegre do Senhor António Maçãs, estando as pedras de anel e o anel completo na posse de sua filha Senhora Dr.^a D. Delmira Maçãs. Agradeço a ambos todas as facilidades concedidas e as palavras de apoio que sempre me dirigiram.

(1) Vasconcelos, 1935, p. 7.

(2) «Diário de Notícias», 8 de Agosto, 1913; «O Século», 13 de Agosto, 1913

(3) A maior parte das peças de Aramenha no Museu Nacional de Arqueologia está inédita. Comfort (1959, p. 1-12) leu numa peça de sigillata a marca OF LAPII. Balil (1965, p. 144) interpretou esta marca como assinatura de L. APILIVS ou LAPILIVS. Ferreira (1969, p. 170-74) publicou três marcas: SEGITRITVS, MICCIO e LAPVS. Será esta última a que Comfort leu OF LAPII?

TERRA SIGILLATA

Forma Dragendorff 18

1 — (EST. I, 1)

Fabrico sudgálico.

Pasta rosada, dura, fina, com grãos de calcite muito finos e regularmente distribuídos.

«Vernis» avermelhado, espesso, uniforme, de brilho cetinoso.

Prato de parede alta ligeiramente curva e aberta, pequeno lábio arredondado, fundo interno cónico com três círculos concêntricos impressos, pé anguloso, fundo externo côncavo. Marca ilegível, por desgaste do «verniz».

Alt.: 40 mm; diâm. da boca: 161 mm.

Estado de conservação: completo com a superfície desgastada nalguns pontos.

Cronologia: o perfil parece indicar um produto ilaviano.

2 — (EST. I, 16)

Fabrico hispânico.

Pasta dura, muito esponjosa, vermelha, pouco fina, com bastantes grãos de calcite.

«Vernis» acastanhado, uniforme, espesso, de brilho médio.

Prato de parede oblíqua e lisa, ligeiro lábio de forma arredondada na união da parede interna ao fundo. Fina ranhura sob a linha de carena. Não apresenta marca ou qualquer indício de a ter possuído.

Alt.: 137 mm.; diâm. da boca: 160 mm.

Estado de conservação: apresenta-se fraccionado, incompleto.

Cronologia: segunda metade do séc. i — séc. n.

Forma Dragendorf 27

A forma Dragendorff 27 aparece nesta colecção dos números 3 a 13. Os exemplares aqui apresentados são de fabrico hispânico na sua maioria típicos do séc. i. No entanto alguns há como os números 8, 11 e 12 que podem ter sido igualmente fabricados na primeira metade do séc. ii.

3 — (EST. I, 2)

Pasta esponjosa, rosada, macia, saturada de grãos de calcite.

«Vernis» vermelho acastanhado, espesso, uniforme, de brilho médio, com manchas de fogo.

Taça de tamanho médio, com o bordo facetado. Pé de secção aproximadamente rectangular, pegando com o fundo externo numa curvatura suave.

Não apresenta na face interna a ranhura sob o lábio típica da produção clássica, mas o bordo acusa fabrico muito cuidado. Ausência de marca ou vestígio de que a tenha levado.

Alt.: 56 mm.; diâm. da boca: 107 mm.

Estado de conservação: completa, com a superfície alterada em algumas zonas.

4 — (EST. I, 3)

Pasta esponjosa, rosada, macia, com grãos de calcite em partículas pequeníssimas.

«Vernis» avermelhado, espesso e uniforme com brilho ce tinoso.

Taça de tamanho médio com lábio simples e arredondado. Pé alto, anguloso. Fundo externo horizontal.

Alt.: 55 mm; diâm. da boca: 109 mm.

Estado de conservação: como a anterior.

5 — (EST. I, 4)

Pasta esponjosa, amarelada, a esfarelar-se, com grãos de calcite em partículas pequeníssimas.

«Vernis» espesso, acastanhado, uniforme, com brilho mediano.

Pequena taça com lábio arredondado.

Pé baixo e anguloso; fundo externo com o ressaltado habitual nas formas hispânicas. Não é possível ler a marca.

Alt.: 43 mm.; diâm. da boca: 85 mm.

Estado de conservação: bordo e pé com ligeiras fracturas, superfície externa e interna alteradíssimas pela erosão.

6 — (EST. I, 5)

Pasta macia, esponjosa, alaranjada, com muitos grãos de calcite.

«Vernis» espesso, uniforme, de brilho médio e tonalidade acastanhada.

Vaso de pequenas dimensões; lábio arredondado. Pé facetado; fundo externo côncavo com saliência central cônica. Não apresenta vestígios de qualquer marca.

Alt.: 41 mm.; diâm. de boca: 78 mm.

Estado de conservação: completa, um pouco menos alterada que as anteriores.

7 — (EST. I, 6)

Pasta esponjosa, vermelha, de dureza média, com grãos de calcite regularmente distribuídos.

«Vernis» acastanhado, uniforme, espesso, de brilho acetinado.

Pequena taça com lábio de secção quase triangular; fina incisão separa os dois quartos de círculo. Pé anguloso muito espesso por ligar directamente com o fundo. Pelo lado de dentro apresenta duas ranhuras, sobrevivência da típica ranhura sudgálica. Fundo interno alteado. Ausência de marca, como na peça anterior.

Alt.: 43 mm.; diâm. da boca: 79 mm.

Estado de conservação: levíssima fractura no pé; bordo desgastado pelo interior.

8 — (EST. I, 7)

Pasta rosada, esponjosa, macia, com finíssimos grãos de calcite.

«Vernis» vermelho acastanhado, uniforme, espesso, de brilho médio.

Vaso de pequenas dimensões, ligeiramente assimétrico: lábio grosso e arredondado, finas incisões na parede interior. Pé baixo e anguloso. Fundo externo com saliência central e ressaltos típicos da produção hispânica. Marca: OFIRE ...

Não encontramos paralelos para esta marca que se apresenta de leitura difícil. Chamamos no entanto a atenção para a existência de duas marcas igualmente iniciadas pelas letras RE: EX OF RES e RES MS, ambas de Sala, aparecendo a segunda em forma Dragendorf 15-17 (¹).

Alt.: 42 mm.; diâm. máx. da boca: 77 mm.

Estado de conservação: completa, apresenta o «verniz» gasto em algumas zonas.

9 — (EST. I, 8)

Pasta esponjosa, avermelhada, macia, com grãos de calcite.

«Vernis» acastanhado, em fina película, com brilho médio.

Taça de grande formato, de lábio muito ligeiro, arredondado. Pé anguloso. Fundo externo com saliência central cónica. Não apresenta marca ou indício de a ter levado.

Alt.: 65 mm.; diâm. da boca: 129 mm.

Estado de conservação: apresenta o bordo fracturado e toda a superfície gasta pela erosão.

10 — (EST. I, 9)

Pasta esponjosa, macia, rosada, com grande quantidade de grãos de calcite, distribuídos regularmente.

«Vernis» avermelhado, espesso, uniforme, de brilho cetinoso.

Taça pequena com ligeira assimetria de perfil; ausência de lábio, incisão separando o bordo da parede inferior. Pé anguloso. Fundo típico da produção hispânica. Fina ranhura circular no fundo interno. Marca: Podemos ler

(^x) Balil, 1965, p. 151 e 168; Boube, 1965, p. 185.

OFSEN. Provavelmente SENTIUS que nos aparece em duas marcas de Banasa em forma Drag. 15-17 f¹).

Alt.: 39 mm.; diâm. máx.: 89 mm.

Estado de conservação: completa com superfície muito gasta, especialmente no pé e parede interna.

11 — (EST. I, 10)

«Vernis» acastanhado, espesso, uniforme, de brilho médio.

Taça pequena, sem lábio. Pé sobre o rectangular; fina ranhura circular inscrita no fundo interno; fundo externo côncavo com saliência central cônica. Não apresenta vestígios de marca. Temos na parede externa um grafito em que lemos: LEX.

Alt.: 39 mm.; diâm. máx.: 88 mm.

Estado de conservação: intacta, com o «verniz» levemente estalado, mas não deixando ver a pasta.

12 — (EST. I, 11)

Pasta muito esponjosa, alaranjada, dura, com muitos grãos de calcite.

«Vernis» uniforme, espesso, com brilho médio e tonalidade acastanhada.

Marcas de torno aparentes.

Taça de grande formato. Bordo com o topo simplesmente arredondado. Pé angular; fundo externo côncavo com um largo ressalto. Não apresenta indícios de ter levado qualquer marca, assim como a anterior.

Alt.: 61 mm.; diâm. máx.: 128 mm.

Estado de conservação: completa, apresenta superfície muito gasta em algumas zonas.

13 — (EST. I, 12)

Pasta esponjosa, avermelhada, de média dureza com minúsculas partículas de calcite.

«Vernis» acastanhado, espesso, uniforme, de brilho acetinado.

Taça de tamanho grande; bordo simplesmente arredondado. Pé grosso e angular: fundo externo com o típico ressalto desta produção. Não apresenta marca, como as anteriores.

Alt.: 62 mm.; diâm. máx.: 127 mm.

Estado de conservação: leve fractura do bordo; toda a superfície se apresenta bastante gasta.

Forma Dragendorff 24-25

14 — (EST. I, 13)

Fabrico hispânico.

«Vernis» avermelhado, de brilho médio, espesso e uniforme.

(¹) Balil, 1965, p. 168 e Boube, 1965, p. 202 e seg.

Vaso de pequeno formato, bordo bastante grosso, moldura muito projectada. Pé anguloso. Base de recorte hispânico. Marca de oleiro: SENTI. Provavelmente poderemos identificá-lo com SENTIUS que conhecemos por duas marcas de Banasa em forma Drag. 15-17 fl) e também no exemplar número 10 desta colecção.

Alt.: 35 mm.; diâm. máx.: 75 mm.

Estado de conservação: completa, com leve desgaste da superfície.

Cronologia: 2.^a metade do séc. i.

Forma Dragendorff 35-36

15 — (EST. I, 14)

Fabrico hispânico.

«Vernis» vermelho alaranjado, uniforme, espesso, de brilho acetinado.

Taça de parede curva com bordo em forma de pequena aba, decorado com folhas de barbotina. Pé facetado muito grosso; fundo externo horizontal com ressalto e grafito ao centro, muito simples, formado por três linhas secantes tracejadas.

Alt.: 44 mm.; diâm. da boca: 119 mm.

Estado de conservação: completa, com o «verniz» levemente gasto pela erosão.

Cronologia: Fins do séc. i —séc. n (2).

16 — (EST. I, 15)

Fabrico hispânico.

Pasta rosada, esponjosa, muito macia, com grãos de calcite em pequeníssimas partículas.

«Vernis» espesso, uniforme, de brilho médio.

Vaso de parede curva e oblíqua, bordo largo em forma de aba, decorado com folhas de barbotina. Pé muito baixo; fundo externo com largo ressalto e saliência cónica ao centro.

Alt.: 34 mm.; diâm. da boca: 145 mm.

Estado de conservação: completa; toda a superfície se apresenta alterada, tendo o pé um intenso desgaste provocado pela erosão.

Cronologia: a mesma que para a peça anterior.

Forma Dragendorff 15-17

Os exemplares aqui apresentados com os números 17 a 20 pertencem ao tipo Drag. 15-17, sendo, porém, variantes da produção hispânica. Os seus perfis levam-nos a situá-los da 2.^a metade do séc. i aos fins do séc. n.

(0 Balil, 1965, p. 168, e Boube, 1965, p. 202 e s.

(2) Cf. Mezquiriz, 1961, p. 63-66, est. 15B e 16.

17—(EST. I, 17)

Pasta alaranjada, esponjosa, macia com finíssimos grãos de calcite.

«Vernis» acastanhado, uniforme, espesso, com brilho médio.

Prato de parede oblíqua e lisa, bordo marcado por uma ranhura externa, nova ranhura sob a linha de carena.

Saliência em meia cana pelo interior, na união da parede ao fundo; a parede interna apresenta duas ranhuras. O fundo interno, levemente alteado, apresenta um círculo. O pé facetado é baixo. O fundo exterior mostra o ressalto hispânico.

Marca: OF LUC[E]IR. A. Balil (*) apresenta a marca OF LUCIRI proveniente de Tarragona e pergunta se não deverá ler-se OF LUCIPI. Julgamos que é efectivamente LUCI RUS e na nossa marca reconhecemos o mesmo nome apresentado com grafia popular ou arcaizante.

Alt.: 52 mm.; diâm. da boca: 170 mm.

Estado de conservação: apresenta o bordo fraccionado.

18—(EST. I, 18)

Pasta alaranjada, esponjosa, de média dureza, com muitíssimos grãos de calcite.

«Vernis» acastanhado, de brilho cetinoso, espesso e uniforme.

Vaso de parede oblíqua, levemente arqueada. Bordo com um pequeno lábio; canelura a meio da parede e outra sob a linha de carena. Pé anguloso. Base alteada e com largo ressalto no fundo externo. Marca completamente ilegível por má impressão. Grafito exterior em que lemos VICTORIE.

Alt.: 44 mm.; diâm. da boca: 164 mm.

Estado de conservação: apresenta fractura do bordo.

19 — (EST. I, 19)

Pasta rosada, esponjosa e dura com grãos de calcite bem visíveis.

«Vernis» espesso, vermelho acastanhado, brilhante e uniforme.

Prato de parede lisa e oblíqua, com ligeiríssimo lábio arredondado. Saliência em meia cana muito acentuada na união da parede ao fundo interno. Pé facetado medianamente alto. Largo ressalto no fundo externo. Sem marca ou vestígios dela.

Alt.: 36 mm.; diâm. da boca: 160 mm.

Estado de conservação: completa mas com a superfície bastante gasta, especialmente pelo lado interno.

20 — (EST. I, 20)

Pasta rósea avermelhada, esponjosa, macia, com grãos de calcite dispersos irregularmente.

(*) Balil, 1965, p. 155.

«Vernis» espesso, uniforme, de brilho médio, com tonalidade avermelhada.

Prato de parede oblíqua, abrindo bastante para fora. Ligeiríssimo lábio arredondado. Apresenta caneluras sob o bordo e a linha de carena. Pé facetado. Fundo externo com ressalto e abaulamento central. Grafito formado por conjunto de linhas tracejadas. Marca: OFLUPIANI, oleiro que aparece com a grafia OFLUPIANI em exemplares de Lixus (forma Drag 27), Banasa, Volubilis e Sala (*).

Alt.: 43 mm.; diâm. da boca: 169 mm.

Estado de conservação: apresenta duas largas fracturas do bordo e toda a superfície bastante gasta.

Forma Dragendorff 30

21 — (EST. II, 21)

Fabrico hispânico.

«Vernis» vermelho-acastanhado, uniforme, espesso, de brilho médio.

Vaso cilíndrico, de bordo grosso, abrindo para fora. Lábio arredondado. No interior encontramos várias ranhuras, duas no bordo e uma outra na parede perto do fundo interno: pé muito baixo de perfil arredondado. Fundo externo em curvatura suave.

Decoração metopada. Linhas onduladas e pontas de seta são usadas como motivo de separação; nas métopas alternam aves de dois tipos, ladeadas por dois pequenos motivos cruciformes.

Alt.: 101 mm.; diâm. da boca: 141 mm.

Estado de conservação: completa, mas com toda a superfície muito gasta pela acção erosiva, especialmente no pé.

Paralelos: quanto à forma não encontramos nenhum vaso de perfil idêntico. A decoração em métopas, separadas por linhas onduladas e pontas de flecha é muito comum na cerâmica hispânica. A combinação destes dois tipos de aves não a encontramos também. Verificamos a existência de uma ave apoiada em pontas de flecha num exemplar de Villaverde. Um pombo com certa semelhança aparece-nos numa peça de Tarragona. Para a ave de asas abertas não encontramos paralelos.

Cronologia: a produção desta forma parece restringir-se à 2.^a metade do séc. I, dadas as características da sua decoração. O seu uso prolongou-se, no entanto, durante a 1.^a metade do século seguinte como as escavações da *villa* de Liédena demonstraram (2).

(1) Balil, 1965, p. 165, e Boube, 1965, p. 156-157.

(2) Mezquiriz, 1961, p. 100.

Forma 1 hispânica

22—(EST. II, 22)

Vaso de duas asas, de bojo bicónico; bocal simples abrindo para fora. Pé baixo e anguloso. Fundo externo com dois ressaltos. Decoração em métopas que ocupam uma só zona em que alternam grifos e veados, separados por grupos de linhas onduladas; na parte superior vemos uma linha de óvulos.

Alt.: 108 mm.; diâm. do bojo: 197 mm.

Estado de conservação: apresenta uma asa fraccionada e toda a superfície muito gasta pela erosão.

Paralelos: não encontramos paralelos rigorosos quanto à forma. O pequeno grifo decorativo, aproximamo-lo de um outro proveniente de Granada (* * *); é de notar no entanto a diferença das asas que no exemplar de Espanha são muito mais pequenas. Quanto à figurinha do veado pareceu-nos algo semelhante à de um vaso originário de Juliobriga (2).

Cronologia: Provavelmente último quartel do séc. i, considerando as características da decoração.

CERÂMICA COMUM

Pouco sabemos da cerâmica comum lusitano-romana. Abel Viana escavou várias necrópoles do Alto Alentejo, cujo espólio se encontra nos Museus Arqueológicos da Fundação da Casa de Bragança em Vila Viçosa e Municipal de Eivas, mas a deficiência da ilustração dos artigos que consagrou a essas necrópoles não permite levar muito longe o trabalho de comparação dos materiais da Aramenha aqui apresentados. Mais útil é o trabalho de A. e J. Alarcão sobre a necrópole de Valdoca embora, por se tratar de estação do Baixo Alentejo, não possa naturalmente proporcionar tantos pontos de contacto como as necrópoles alto-alentejanas escavadas por Abel Viana.

Pratos

Os pratos 1-3, de fundo raso e parede arqueada, de bordo ligeiramente revirado para dentro, têm paralelo na sepultura 26 de Valdoca, atribuível à segunda metade do século i d. C. (3).

(1) Mesquiriz, 1961, est. 69, 640.

(a) Mezquiriz, 1961, est. 74, 760.

(•) Alarcão, 1966, est. III, p. 11.

Os pratos 4 e 5, caracterizados por bordo largo e ondulado, como que a formar uma caleira, não têm paralelos naquela necrópole. Também não têm semelhantes em Valdoça o tipo representado pelo prato 6, com o bordo engrossado pelo interior e em forma de pérola, e o prato 12, de parede muito arqueada. Os pratos 7-11 assemelham-se ao da sepultura 22 de Valdoça que, infelizmente, não é datável *i*¹). Finalmente, o prato 13 parece inspirar-se na forma Drag. 36 sem que este paralelismo sirva todavia para lhe fixarmos a cronologia ⁽²⁾.

1—(EST. III, 1)

Barro avermelhado com grãos de calcite e muitas partículas de mica.
 Parede arqueada, bordo inclinado para dentro; fundo interno levemente abaulado, fundo externo com ligeira concavidade.
 Completo, mas de superfície muito gasta pela erosão.
 Alt.: 40 mm.; diâm. da boca: 212 mm.

2—(EST. III, 2)

Barro vermelho, acastanhado, compacto, de superfície lisa.
 Parede arqueada engrossando pelo lado interno perto do fundo; bordo arredondado; fundo externo oblíquo a subir para o centro.
 Completo.
 Alt.: 40 mm.; diâm. da boca: 183 mm.

3—(EST. III, 3)

Barro de cor alaranjada, muito picado. Paredes curvas, lábio arredondado e inclinado para dentro. Fundo externo com leve concavidade.
 Fragmentado e de superfície gasta pela erosão.
 Alt.: 48 mm.; diâm. da boca: 237 mm.

4—(EST. III, 4)

Barro amarelado sobre o beije com manchas escuras e muitas areias.
 Paredes oblíquas ligeiramente encurvadas, bordo largo e ondulado, fundo externo raso.
 Bom estado de conservação.
 Alt.: 35 mm.; diâm. da boca: 154 mm.

(^x) Alarcão, 1966, est. III, p. 16.

(²) Oswald e Pryce, 1966, est. LIII, p. 192-194.

5 — (EST. III, 5)

Barro de cor alaranjada, manchado de negro.
Parede oblíqua, ligeiramente curva pelo interior: bordo largo e ondulado; fundo externo raso, tendo o fundo interno ligeiro alteamento central.
Muito alterado pela erosão.
Alt.: 34 mm.; diâm. da boca: 166 mm.

6 — (EST. III, 6)

Barro vermelho amarelado com manchas e areias.
Parede curva, bordo arredondado, engrossando pelo interior em forma de pérola. Fundo externo com ligeiríssima concavidade.
Estado de conservação: apresenta o bordo fragmentado e a superfície externa e interna muito gasta pela erosão.
Alt.: 33 mm.; diâm. da boca: 161 mm.

7 — (EST. III, 7)

Barro vermelho alaranjado, picado, com areias.
Parede arqueada, bordo arredondado, fundo externo ligeiramente côncavo.
Apresenta-se alterado pela erosão em toda a superfície.
Alt.: 37 mm.; diâm. da boca: 174 mm.

8 — (EST. III, 8)

Barro de tonalidade beije com areias e pequeníssimas partículas de mica.
Paredes curvas, bordo arredondado. Fundo externo com levíssima concavidade.
Completo, mas muito alterado pela erosão.
Alt.: 37 mm.; diâm. da boca: 164 mm.

9 — (EST. III, 9)

Barro alaranjado, brando ao contacto.
Paredes curvas, bordo arredondado, fundo externo com leve concavidade.
Completo, mas alterado como o anterior.
Alt.: 34 mm.; diâm. da boca: 154 mm.

10 — (EST. III, 10)

Barro vermelho-alaranjado, muito grosseiro, com areias e manchas escuras.
Paredes curvas, bordo arredondado, fundo externo com ligeiríssima concavidade.
Completo, de superfície alterada como os anteriores.
Alt.: 27 mm.; diâm. da boca: 157 mm.

11 — (EST. III, 11)

Barro vermelho, com areias e mica.

Parede com curvatura para o interior, bordo arredondado, fundo externo com ligeira concavidade central.

Bom estado de conservação.

Alt.: 37 mm.; diâm. da boca: 209 mm.

12 — (EST. III, 12)

Barro de cor amarelada com areias.

Paredes oblíquas encurvando perto do bordo, sendo este arredondado; saliência em meia cana pelo interior; na união da parede ao fundo, este apresenta uma depressão central; o fundo externo é raso.

Apresenta ligeira fractura no bordo.

Alt.: 32 mm.; diâm. da boca: 137 mm.

13 — (EST. III, 13)

Barro vermelho alaranjado com areias, muito grosseiro. Parede arqueada com bordo em forma de pequena aba; base ligeiramente côncava.

Completo, de superfície externa e interna muito alterada pela aderência da terra local.

Alt.: 31 mm.; diâm. da boca: 144 mm.

Malgas

As malgas 14 e 15 pertencem ao mesmo tipo, que se aproxima das peças das sepulturas 352 e 427 de Valdoca, sendo a última atribuível à segunda metade do século i d. C. í¹).

14 — (EST. III, 14)

Barro beije, de superfície muito lisa, duro e com areias.

Parede em arco, bordo revirado para dentro; dois sulcos paralelos pelo interior; pequeno pé de perfil quadrado; fundo externo côncavo.

Completo e bem conservado.

Alt.: 67 mm.; diâm. máx.: 172 mm.

15 — (EST. III, 15)

Barro de cor alaranjada, áspero e duro ao contacto, com pequeníssimas partículas de mica.

1¹) Alarcão, 1966, est. XXV e XXXI.

Parede arqueada, bordo com fina canelura, pequeno pé de secção rectangular; fundo externo em linha horizontal.

Estado de conservação: como a anterior.

Alt.: 68 mm.; diâm. máx.: 65mm.

Potes

Para os potes 19, 20 e 22 não encontramos paralelos.

Os potes 16 e 17 são semelhantes a um vaso da necrópole de Yaldoca encontrado na sepultura 61, que não é datável (1).

Para o pote número 18, de forma ovoide com o bojo decorado por mamilos, não encontramos paralelos. Em Yaldoca observamos, no entanto, o mesmo tipo de decoração nas sepulturas 26, 141, 162, 270, 340, 400, 441, 448 (2).

Nas sepulturas 26 e 141 aparece associada a formas datáveis da segunda metade do séc. i d. C. (3). Também existem vasos decorados com mamilos provenientes de Serrones (4) e da Horta das Pinas (5).

O pote 21, de barro negro-acinzentado, de bojo ovoide, com duas faixas a roleta, também não tem paralelo quanto à forma, mas este tipo de decoração em vasos de cerâmica cinzenta é muito frequente nas necrópoles alto-alentejanas (6). Encontramos vários exemplares em Yaldoca, associados a materiais do séc. i d. C., nas sepulturas 15, 31, 48, 115, 127, 141, 372 e 477 (7), e muitos outros também nas sepulturas escavadas por A. Viana (8).

i1) Alarcão, 1966, est. V.

(2) Alarcão, 1966, est. III, XII, XIII, XVIII, XXIV, XXVI, XXXI.

(3) Alarcão, 1966, p. 17, 18, 45 e 46.

(4) Viana, 1955, n.º 35, 39.

(5) Viana, 1958, est. VI, 26; XXII, 128.

(6) Alarcão, 1970, p. 35.

(7) Alarcão, 1966, est. II, IV, V, IX, XI, XII, XXV, XXXIV, p. 36, 37, 46, 47, 98.

(8) Viana, 1958, est. IV, 47; VII, 46, 48, 50; X, 50; XVI, 136 e 138; XIX, 153; XX, 133, 138 e 138 a).

16—(EST. III, 16)

Barro alaranjado, de aspecto cuidado, duro e de superfície lisa.

Forma bicónica com canelura a dois terços da altura do bojo; bordo muito aberto para fora. Pequeno pé oblíquo; fundo externo ligeiramente côncavo.

Bom estado de conservação.

Alt.: 79 mm.; diâm. máx. do bojo: 100 mm.

Há outro exemplar.

17—(EST. III, 17)

Barro vermelho-alaranjado, com areias e algumas manchas escuras.

Forma bicónica com canelura a dois terços da altura do bojo, bordo bastante aberto para fora. Pé de bolacha. Fundo externo com leve concavidade.

Bom estado de conservação.

Alt.: 87 mm.; diâm. máx. do bojo: 103 mm.

Há mais dois exemplares.

18—(EST. III, 18)

Barro amarelado, sobre o beije, muito leve e liso ao contacto.

Forma ovoide, bocal com pequeno lábio arredondado; bojo decorado com mamilos em fiadas paralelas; faixa de caneluras na parte inferior. Pé pequeno e anguloso. Fundo externo com ressaltos.

Bom estado de conservação.

Alt.: 81 mm.; diâm. máx. do bojo: 75 mm.

19—(EST. III, 19)

Barro de cor negra, com ligeiro brilho, duro.

Pequeno vaso de bojo ovoide, bordo aberto para fora e arredondado.

Canelura na parte superior. Pequeno pé oblíquo. Fundo externo levemente côncavo.

Bom estado de conservação

Alt.: 57 mm.; diâm. máx. do bojo: 54 mm.

20—(EST. III, 20)

Barro de cor negra, com manchas acinzentadas, de superfície lisa.

Bojo ovoide, bocal aberto para fora e arredondado na parte superior. Pé oblíquo; fundo externo côncavo.

Bom estado de conservação.

Alt.: 83 mm.; diâm. máx. do bojo: 82 mm.

21—(EST. III, 21)

Barro negro, de superfície lisa, muito leve. Bojo ovóide, com duas faixas largas decoradas a roleto, separadas por caneluras, ombro em degrau,

bocal aberto para fora; pé de secção aproximadamente rectangular; fundo interno com saliência cónica que corresponde à concavidade do fundo externo.

Bom estado de conservação.

Alt.: 91 mm.; diâm. máx. do bojo: 83 mm.

Há outro exemplar, mas fraccionado.

22 —(EST. III, 22)

Barro negro com muitas areias.

Bojo ovoide, com ombros salientes marcados por duas caneluras; colo vertical, com leve inclinação para dentro, também marcado a meio e na ligação ao bojo por duas caneluras. Pé sobre o rectangular; fundo externo côncavo; saliência cónica no fundo interno.

Apresenta ligeira fractura no bordo e toda a superfície muito riscada pela erosão.

Alt.: 103 mm.; diâm. máx. do bojo: 106 mm.

Cântaros

Os pequenos cântaros de duas asas, 23, 24, 25 e 26, de bojo oval ou bicónico, encontram-se com bastante frequência nas necrópoles alentejanas (* * *), como no-lo provam os muitos exemplares apresentados nos trabalhos de Abel Viana.

Em Valdoca temos também formas aproximadas nas sepulturas 1, 48, 101, 420, 472.

Na sepultura 48 encontra-se associada a uma peça de cerâmica cinzenta decorada com rolete, que é datável da segunda metade do séc. i d.C. (2).

23 —(EST. IV, 23)

Barro negro acinzentado, grosseiro e pesado, com areias e impurezas.

Bojo ovoide com canelura e faixa de linhas brunidas em espinha, bocal aberto para fora, asa ondulada. Pé muito baixo; fundo externo côncavo, com ranhura circular.

Estado de conservação: falta-lhe uma das asas.

Alt.: 105 mm.; diâm. máx. de bojo: 105 mm.

¹⁾ Viana, 1955, 71-75, 84, 88-92, 98, 100, 101, 219; ver também Viana, 1958, est. IV, 55(1), 55(7); V, 54; VI, 208; VII, 54; IX, 55; XXI, 140; XXII, 151; XXIV, 230, 231, 232, 234.

(*) Alarcão, 1966, est. I, V, VIII, XXX, XXXIV, p. 8-11, 17 e 18.

24—(EST. IV, 24)

Barro alaranjado com manchas mais escuras e com areias.

Bojo ovoide, decorado com linhas brunidas e larga canelura, bocal com leve curvatura, asa de fita com sulco central. Pequeníssimo pé sobre o arredondado; fundo externo em linha horizontal com uma ranhura circular.

Estado de conservação: apresenta o bocal fraccionado.

Alt. 101 mm.; diâm. máx. de bojo: 102 mm.

25—(EST. IV, 25)

Barro negro-acinzentado com manchas mais escuras e areias.

Bojo bicónico com ângulo bem marcado, bordo abrindo para fora, duas asas de fita. Pé de bolacha, fundo externo com ligeiríssima concavidade.

Estado de conservação: falta-lhe uma das asas.

Alt.: 108 mm.; diâm. de bojo: 115 mm.

26—(EST. IV, 26)

Barro negro, manchado de cinzento, com areias e impurezas.

Bojo ovoide com canelura pelo interior e exterior, moldura na base do bocal sendo este aberto para fora; duas asas sulcadas longitudinalmente. Pequeníssimo pé. Fundo externo levemente côncavo com uma ranhura circular.

Apresenta-se completo.

Alt.: 94 mm.; diâm. máx. do bojo: 104 mm.

Jarros

O jarro 27, de bojo cilíndrico, com ombros assimétricos, bocal curto e pequena asa, assemelha-se ao exemplar da sepultura 244 de Valdoca. As dimensões do último são no entanto maiores, apresentando ainda o colo mais alto, bordo envasado e asa descaída. Em Valdoca encontra-se associado a materiais cuja cronologia vai do séc. i ao m d.C. (1).

O vaso com o número 28, de bojo cilíndrico e ombros angulosos, tem igualmente paralelos em Valdoca nas sepulturas 192 e 484 (2) e também em Serrones (3) e Horta das Pinas (4).

(x) Alarcão, 1966, est. XVII, p. 65-66.

(2) Alarcão, 1966, est. XIV e XXXIV.

(3) Viana, 1955, n.os 137, 153.

(4) Viana, 1958, est. XVIII, n.o 176.

Nenhum destes achados é datável.

Para o jarro 36, de bojo ovoide e gargalo alto, encontramos paralelos, embora não rigorosos, no espólio da Herdade do Padrão, números 123, 124, 128, 129, 199 (x) e ainda 175, 203, 227 (2). Infelizmente não são datáveis.

Aproximamos o jarro 38, de bojo oval amplo, de dois exemplares também provenientes da Herdade do Padrão (3) e que não são datáveis.

27 — (EST. IV, 27)

Barro vermelho alaranjado com manchas e areias.

Bojo cilíndrico com ombros oblíquos e assimétricos, bocal muito curto, bordo biselado pelo exterior e asa em fita levemente ondulada. Fundo externo raso.

Bom estado de conservação.

Alt.: 140 mm.; diâm. máx. do bojo: 75 mm.

28 — (EST. IV, 28)

Barro vermelho alaranjado, muito macio e leve.

Bojo cilíndrico, ombros angulosos, bocal curto, bordo biselado; asa ondulada. Fundo externo raso.

Fragmentado; reconstituído com gesso.

Alt.: 153 mm.; diâm. máx. do bojo: 137 mm.

29 — (EST. IV, 29)

Barro vermelho acastanhado, salpicado por grãos de calcite.

Bojo ovoide com ombros muito marcados e salientes; gargalo largo, com canelura, terminado por bocal que curva e abre para fora; asa de fita de secção lentóide. Pé em degrau arredondado. Fundo externo raso.

Estado de conservação: levemente fraccionado no bordo.

Alt.: 111 mm.; diâm. máx. do bojo: 86 mm.

30 — (EST. IV, 30)

Barro vermelho alaranjado com manchas mais escuras.

Bojo cilíndrico; ombros angulosos; gargalo alto e bordo simples, abrindo para fora; asa de fita.

Completo.

Alt.: 146 mm.; diâm. máx. do bojo: 90 mm.

1) Viana, 1955.

(2) Viana, 1958, est. VIII, XVIII, XXIV.

(3) Viana, 1958, est. VIII, n.º 201, 211.

31—(EST. IV, 31)

Barro de cor avermelhada com impurezas.

Bojo cilíndrico com ombros marcados e canelura. Pé muito baixo sobre o arredondado. Fundo externo em ressalto.

Estado de conservação: incompleto por apresentar o colo fraccionado.
Alt.: 120 mm; diâm. máx. do bojo: 96 mm.

32—(ÊST. V, 32).

Barro de tonalidade amarelada, com manchas escuras e areias.

Bojo ovoide, com duas caneluras paralelas, gargalo alto, terminando em bocal que curva e abre para fora; asa em fita levemente sulcada. Pé muito baixo de secção sobre o rectangular. Fundo externo com levíssima concavidade.

Bom estado de conservação.

Alt.: 163 mm.; diâm. máx. do bojo: 116 mm.

33—(EST. V, 33)

Barro amarelado com manchas escuras e grãos de areia.

Bojo ovoide, que apresenta duas caneluras; gargalo com moldura; bordo aberto para fora e achatado superiormente; asa em fita sulcada a meio. Pequeno pé sobre o rectangular. Fundo externo raso.

Bom estado de conservação.

Alt.: 140 mm.; diâm. máx. do bojo: 106 mm.

34—(EST. V, 34)

Barro alaranjado com manchas vermelhas e grãos de areia.

Bojo ovoide com duas caneluras; gargalo muito baixo; bordo biselado; asa em fita com sulco longitudinal. Fundo externo raso.

Bom estado de conservação.

Alt.: 88 mm.; diâm. máx. do bojo: 88 mm.

Há mais 4 exemplares.

35—(EST. V, 35)

Barro avermelhado, de superfície lisa, com areias e pequenas lâminas de mica.

Bojo de forma ovoide, gargalo curto; bordo revirado para fora achatado superiormente; asa em fita com leve sulco. Pé muito pequeno. Fundo externo com ligeira concavidade e ranhura circular.

Bom estado de conservação.

Alt.: 150 mm.; diâm. do bojo: 90 mm.

36 — (EST. V, 36)

Barro alaranjado salpicado de pequenas partículas de mica.

Bojo ovoide, gargalo alto moldurado, asa com ligeiro sulco longitudinal. Fundo externo com levíssima concavidade.

Estado de conservação: ligeira fractura do bordo.

Alt.: 288 mm.; diâm. do bojo: 145 mm.

37 — (Es. V, 37)

Barro de cor beije, bastante duro.

Bojo ovoide, bordo achatado superiormente, abrindo para fora e decorado com duas caneluras em forma de gomo; asa redonda. Pé bem marcado de perfil em linha curva. Fundo externo cónico.

Estado de conservação: levemente fraccionado no bordo.

Alt.: 133 mm.; diâm. máx. do bojo: 105 mm.

38 — (EST. VI, 38)

Barro de cor amarelada, com manchas e areias.

Bojo oval e amplo, gargalo alto, bordo em degrau abrindo muito para fora, asa com ligeiro sulco. Pé muito pequeno sobre o rectangular. Fundo externo com ressalto.

Estado de conservação: completo, mas de superfície lisa pela erosão.

Alt.: 177 m.; diâm. máx. do bojo: 141 mm.

41 — (EST. VI, 41)

Barro vermelho acastanhado, com muita areia e manchas de fogo.

Bojo ovoide, com várias linhas paralelas em relevo; sobre estas aparecem duas caneluras, uma em linha curva e outra na vertical, que se cruzam. Asa larga a nascer no bordo. Fundo externo raso.

Alt.: 249 mm.; diâm. máx. do bojo: 228 mm.

Panelas

39 — (EST. VI, 39)

Barro negro, grosseiro, com muitas areias, manchado pelo fogo.

Bojo levemente bicónico, bordo de aba horizontal; canelura perto do fundo externo, que se apresenta raso.

Completo.

Alt.: 115 mm.; diâm. máx. do bojo: 128 mm.

40 — (EST. VI, 40)

Barro negro acinzentado, com muitas areias e graos de calcite.

Bojo ovoide com canelura; colo curto moldurado, bocal aberto para fora. Pé oblíquo; fundo externo com ranhura muito leve.

Completo.

Alt.: 103 mm.; diâm. máx. do bojo: 126 mm.

Pote

42 — (EST. VII, 42)

Barro vermelho alaranjado, muito grosseiro.

Bojo ovoide, sem asa, bocal redondo. Ausência de pé; duas caneluras perto do fundo externo, que se apresenta em linha ondulada.

Estado de conservação: bocal fraccionado e toda a superfície bastante gasta.

Alt.: 221 mm.; diâm. do bojo: 244 mm.

VIDROS

Pratos

Os pratos 1 e 2 pertencem ao tipo Isings 49, datável do séc. i d.C í¹). No Museu de Eivas encontramos paralelos muito próximos para ambos (²).

1 — (EST. VIII, 1)

Vidro verde-maçã com bolhas e areias.

Completo, bem conservado.

Parede muito ligeiramente ondulada; bordo e pé tubulares.

Alt.: 25 mm.; diâm. máx. do bojo: 135 mm.; espessura do vidro na parede: 1 mm.

2 — (EST. VIII, 2)

Vidro verde-maçã, com algumas bolhas de ar e impurezas.

Completo. Bom estado de conservação do vidro.

Parede quase recta e oblíqua, bordo e pé tubulares.

Alt.: 23 mm.; diâm. máx. 156 mm.; espessura do vidro na parede: 1 mm. (*)

(*) Isings, 1957, p. 63.

(²) Alarcão, 1968, est. I, n.º 39 para o n.º 1; id., ibid. n.º 40 para o n.º 2.

Taças

As taças com os números 3, 4, 5 e 6 pertencem ao tipo Isings 41 a), sendo, porém, variantes dessa forma (!). São datáveis da segunda metade do séc. i d.C.

A taça com o número 7 difere das anteriores, enquadrando-se no tipo Isings 42a. Este tipo fabricou-se desde a época flaviana por todo o séc. n d. C. (2).

No Museu de Eivas encontramos uma taça muito semelhante aos exemplares 3, 4 e 5 e também uma outra de forma bastante aproximada ao vaso número 6. (3).

3—(EST. VIII, 3)

Vidro de cor verde-alface com bolhas e impurezas.

Completa.

Parede com ligeiríssima convexidade, bordo revirado para fora; pé tubular; fundo umbilicado.

Alt.: 39 mm.; diâm. da boca: 89 mm.; diâm. do pé: 46 mm.; espessura média do vidro: 1,5 mm.

4—(EST. VIII, 4)

Vidro verde-musgo com poucas bolhas de ar, com impurezas negras, filandrado.

Completa.

Parede arqueada, bordo em pequena aba. Pé tubular (em alguns pontos não há tubo); marca de pontel visível.

Alt.: 38 mm.; diâm. da boca: 77 mm.; diâm. do pé: 45 mm.; espessura do vidro na parede: 1,5 mm.

5—(EST. VIII, 5)

Vidro verde-alface com muitas bolhas de ar.

Completa, com leitosidade incipiente.

Parede recta, com ligeira obliquidade; bordo em forma de pequena aba. Base apertada com turquêsas.

Alt.: 55 mm.; diâm. máx.: 96 mm.; diâm. do pé: 64 mm.; espessura média do vidro: 1,5 mm.

f1) Alarcão, 1968, p. 25-26.

(2) Isings, 1957, p. 58.

(3) Alarcão, 1968, est. I, n.º 41; id., *ibid.*, n.º 43.

6 — (EST. VIII, 6)

Vidro verde-maçã, com bolhas e areias.

Completa, com ligeiro picado.

Leve assimetria, parede recta e oblíqua com o colo bem marcado, bordo em forma de pequena aba. Pé tubular; fundo alçado, marca de pontel visível.

Alt.: 47 mm.; diâm. da boca: 108 mm.; diâm. do pé: 71 mm.; espessura do vidro na parede: 1 mm.

7 — (EST. VIII, 7)

Vidro verde acinzentado, com poucas bolhas de ar e algumas impurezas. Fragmentada e incompleta.

Parede arqueada, bordo formando aba. Pé tubular, fundo umbilicado.

Alt.: 51 mm.; diâm. da boca: 113 mm.; diâm. do pé: 55 mm.; espessura do vidro na parede: 1 mm.

Copo

Encontramos um exemplar muito semelhante, de proveniência desconhecida, no Museu Arqueológico de Vila Viçosa para o qual J. Alarcão sugeriu uma cronologia não anterior a meados do séc. n d. C. í¹).

8 — (EST. VIII, 8)

Vidro verde, muito esbatido, com bolhas de ar e impurezas.

Copo campaniforme, bordo envasado, fundo côncavo. Decoração simples de linhas incisadas na parede externa, em duas faixas paralelas.

Alt.: 84 mm.; diâm. máx.: 103 mm.; espessura média do vidro: 1,5 mm.

Unguentários

Temos na presente colecção dois unguentários de tipos diferentes.

O exemplar número 9, em forma de gota, é típico do período de Augusto e Tibério (2). * (*)

(1) Alarcão, 1967, est. 3, n.º 15, p. 9.

(2) Alarcão, 1963, p. 181-183.

O unguentário com o número 10, de reservatório bulbiforme, que aproximamos de três exemplares do Museu de Vila Viçosa (*) e de um outro do Museu de Faro, é datável da 2.^a metade do séc. i d. C. (*2).

9—(EST. VIII, 9)

Vidro verde acinzentado muito esbatido, com impurezas e bolhas alongadas.

Inteiro, picado, com algumas manchas leitosas.

Reservatório em forma de gota, bordo envasado, de arestas vivas.

Alt.: 95 mm.; diâm. da boca: 17 mm.; espessura do vidro: 1 mm.

10—(EST. VIII, 10)

Vidro transparente, de cor verde-musgo com areias e bolhas de ar. Intacto, levemente riscado.

Reservatório bulbiforme, gargalo alto e cilíndrico, bordo revirado para dentro. Fundo achatado.

Alt.: 112 mm.; diâm. da boca: 35 mm.; diâm. máx. do bojo: 69 mm.; espessura média do vidro: 2 mm.

Garrafas

Os exemplares 11, 12, 13 e 14 pertencem ao tipo Isings 50. Este tipo foi fabricado a partir da época dos Flávios, ou seja, à volta de 70 d. G. (3). Sabemos que deixou de ser feito no séc. II d. C., muito embora o seu uso se prolongasse. (4)

Encontramos paralelos aproximados para os fundos: dois fragmentos provenientes de Verulamium (5) e outro do Museu de Tongres (6), muito semelhantes ao fundo número 11. Um exemplar de Dura (7), dois de Vindonissa, dos quais um datável de 100 d.C.(8), outro de Londres, de 70 a 120 ou 130 d.C. (9) e ainda exemplares de

(1) Alarcão, 1967, est. 10, n.º 49, 50, 51 e p. 25.

(2) Alarcão, 1968, est. XI, n.º 8.

(3) Isings, 1957, p. 63.

(4) Charlesworth, 1966, p. 30.

(5) Charlesworth, 1966, fig. 12, p. 34.

(6) Vanderhoeven, 1962, n.º 42, p. 4.

(7) Clairmont, 1963, n.º 602.

(8) Berger, 1960, n.º 99 e 206, p. 79.

(9) Charlesworth, 1966, fig. 9, p. 30.

Conimbriga (*) e Aljustrel (2) constituem paralelos para o fundo número 12. A garrafa com o número 15 pertence ao tipo Isings 51A, portanto atribuível à época de meados do séc. i d.C. em diante (3). Encontramos um exemplar semelhante, embora não constitua paralelo rigoroso, numa peça do Museu de Aquileia (4).

11 — (EST. IX, 11)

Vidro ligeiramente colorido de verde-gelo, sem bolhas.

Intacto, com manchas terrosas e leitosidade; muito riscado pelo uso.

Garrafa de secção quadrada, com ombros muito levemente arredondados, marcas de modelação no colo; bordo revirado para fora e depois para dentro em pequena aba; asa de fita. Base moldada com cruz inscrita num círculo.

Alt.: 125 mm.; diâm. máx.: 57 mm.; espessura média do vidro: 1 mm.

12 — (EST. IX, 12)

Vidro ligeiramente colorido de verde-gelo, com bolhas de ar, areia e estrias de soflagem.

Intacta, riscada pelo uso.

Garrafa de secção quadrada, ombros em ligeira obliquidade; bordo virado para fora e, depois, para dentro; asa de fita. O fundo apresenta em relevo quatro círculos concêntricos, que têm ao centro uma pérola.

Alt.: 141 mm.; diâm. máx.: 64 mm.; espessura média do vidro: 2 mm.

13 — (EST. IX, 13)

Vidro verde-gelo, com muitas bolhas e estrias de soflagem, com impurezas negras e areias.

Fragmentada e incompleta; bom estado de conservação do vidro, algumas manchas leitosas.

Pequena garrafa de secção quadrangular, bordo revirado em perfil de martelo, asa de fita. Fundo côncavo.

Alt.: 80 mm.; diâm. máx.: 152 mm.; espessura média do vidro: 1 mm.

14 — (EST. X, 14)

Vidro verde esbatido com bolhas e impurezas.

Completa, riscada pelo uso, manchas leitosas. Garrafa de secção quadrangular, gargalo cilíndrico, revirado para fora e depois para dentro sobre si

1) Alarcão, 1965, est. V, n.ºs 144 e 145.

(2) Alarcão, 1968, est. IV, n.ºs 60-63.

(3) Isings, 1957, p. 67.

(4) Calvi, 1968, Tav. D, n.º 5, p. 82.

mesmo; asa de fita; fundo plano, tendo inscrito círculos concêntricos; em três dos ângulos apresenta uma pequena pérola; num só ângulo um pequenos traço diagonal.

Alt.: 155 mm.; diâm. máx.: 63 mm.; espessura média do vidro: 2 mm.

15 —(EST. X, 15)

Vidro verde acinzentado, com impurezas.

Completa, riscada pelo uso.

Garrafa cilíndrica, ombros com obliquidade; gargalo estreito e cilíndrico; bordo aberto para fora e depois dobrado sobre si mesmo, asa em colchete.

Alt.: 118 mm.; diâm. máx.: 101 mm.; espessura média do vidro: 2,5 mm.

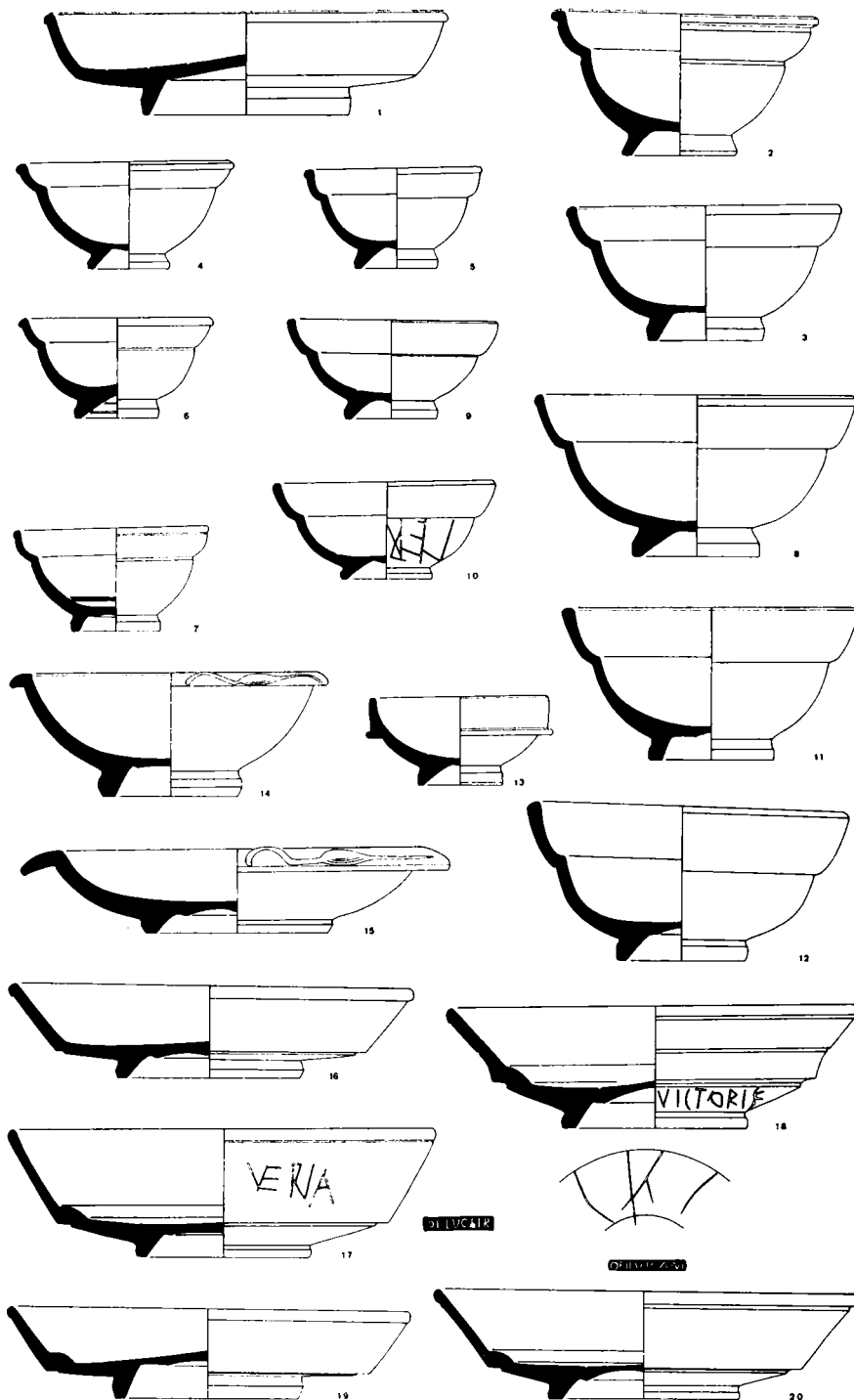
JOSEFA DA CONCEIÇÃO NEVES

ABREVIATURAS USADAS

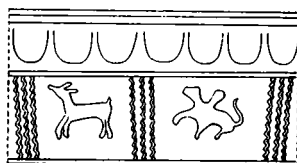
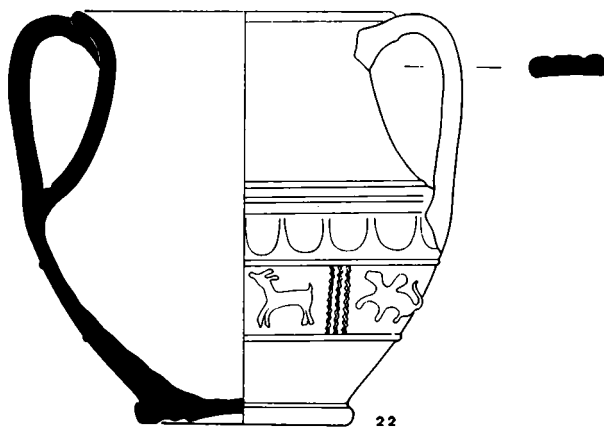
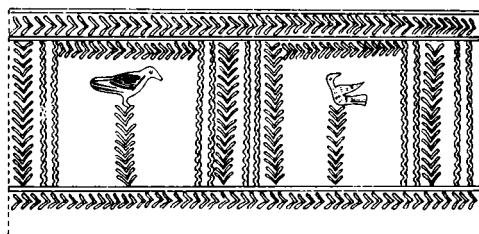
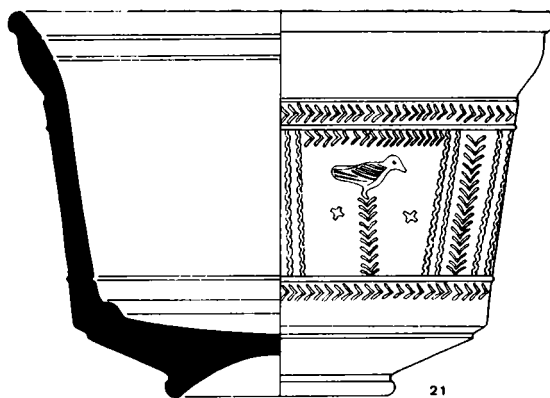
- Alarcão, 1963: J. e A. Alarcão, *Vidros romanos do Museu de Martins Sarmento*, «Revista de Guimarães», Guimarães, LXXIII (1963), p. 175-204.
- Alarcão, 1965: J. e A. Alarcão, *Vidros Romanos de Conimbriga*, 1965.
- Alarcão, 1966: J. e A. Alarcão, *O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)*, «Conimbriga», Coimbra, V (1966), p. 7-104.
- Alarcão, 1967: J. Alarcão, *Vidros Romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa*, «Conimbriga», Coimbra, VI (1967), p. 1-45.
- Alarcão, 1968, Jorge de Alarcão, *Vidros Romanos de Museus do Alentejo e Algarve*, «Conimbriga», Coimbra, VII (1968), p. 7-33.
- Alarcão, 1970: A. e J. Alarcão, *Dez anos de Actividade Arqueológica em Portugal, 1960-1969*, Coimbra, 1970 (mimeografado).
- Arraiz, 1846: A. Arraiz, *Diálogos de Don Frey Amador Arraiz*, nova edição, Lisboa, 1846.
- Balil, 1965: A. Balil, *Materiales para um índice de marcas de ceramistas en sigillata hispánica*, «Archivo Español de Arqueología», Madrid, XXXVIII, n.º 111-112, Madrid, 1966 p. 139-170.
- Berger, 1960: L. Berger, *Römische Glaser aus Vindonissa*, Basileia, 1960.
- Boube, 1965: Jean Boube, *La Terra Sigillata Hispanique en Mauritanie, Les Marques de Potiers*, Tânger, 1965.
- Calvi, 1968: M. C. Calvi, *I Vetri Romani del Museo di Aquileia*, Aquileia, 1968.
- Cardoso, 1758: P.º Luís Cardoso, *Depoimentos dos Párocos de Areias e Aramenha, Memórias Parochiais de 1758*.
- Charlesworth, 1966: Dorothy Charlesworth, *Roman Square Rottles*, «Journal of Glass Studies», Corning, VIII, (1966), p. 26-40.
- Clairmont, 1963: C. W. Clairmont, *The excavations at Dura-Europos, Final Report IV, Part V, The Glass vessels*, New Haven, 1963.
- Coelho, 1921: P. M. Laranjo Coelho, *Por Terras de Odeana*, «O Instituto», 68-3 (1921), p. 142-149.
- Comfort, 1959: Howard Comfort, *Some Roman Pottery in the Museu Etnológico*, «Conimbriga», Coimbra, I (1959), p. 1-12.
- Correia, 1928: Virgílio Correia, *Domínio Romano*, in *História de Portugal*, I, 3.ª parte, Barcelos, 1928.
- Ferreira, 1969: Seomara da V. Ferreira, *Marcas de oleiro em território português*, «O Arqueólogo Português», Lisboa, Série III, vol. III (1969), p. 131-177.
- Hiibner, 1892, Emílio Hübnner, *Inscriptionum Hispaniae Latinarum supplementum in Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlim, 1892.
- Isings, 1957: C. Isings, *Roman glass from dated finds*, Groningen, 1957.
- Keil, 1943: Luis Keil, *Distrito de Portalegre* (Inventário Artístico de Portugal, I) Lisboa, 1943.
- Jalhay, 1947: Eugênio Jalhay, *Epigrafia Amaiense*, Separata de «Brotéria», XLV, fase. 6, Lisboa, 1947.

- Loução, 1952: Dias Loução, *Origens de Portalegre*, «Distrito de Portalegre», Portalegre, 17 Maio 1952.
- Machado, 1965: João L. Saavedra Machado, *Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, 1, 1954-1964, «O Arqueólogo Português», Nova Série, IV (1965), p. 51-448.
- Mezquiriz, 1961: M. Angeles Mezquiriz de Catalan, *Terra Sigillata Hispânica*, Valência, 1961.
- Oswald e Pryce, 1966: F. Oswald and T. B. Pryce, *An introduction to the study of Terra Sigillata*, London, 1966.
- Paço, 1953: Afonso do Paço, *Carta Arqueológica do Concelho de Marvão*, separata do XIII Congresso para o Progresso das Ciências, 1953.
- Vanderhoeven, 1962: M. Vanderhoeven, *De Romeinse Glasverzameling in het Gallo-Romeins Museum te Tongeren*, Tongres, 1962.
- Vasconcelos, 1913: Leite de Vasconcelos, *Religiões de Lusitânia*, III, Lisboa, 1913.
- Vasconcelos, 1935: Leite de Vasconcelos, *Localização da cidade de Ammaia*, «Ethnos», Lisboa, I (1935), p. 5 e s.
- Viana, 1955: A. Viana, *Notas de arqueologia alto-alentejana (Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa)*, «A Cidade de Évora», Évora, n.ºs 33-34 (1955), p. 235-238.
- Viana, 1958: A. Viana e A. Dias de Deus, *Campos de urnas do concelho de Eivas*, «O Instituto», Coimbra, 118 (1958), p. 133-193.

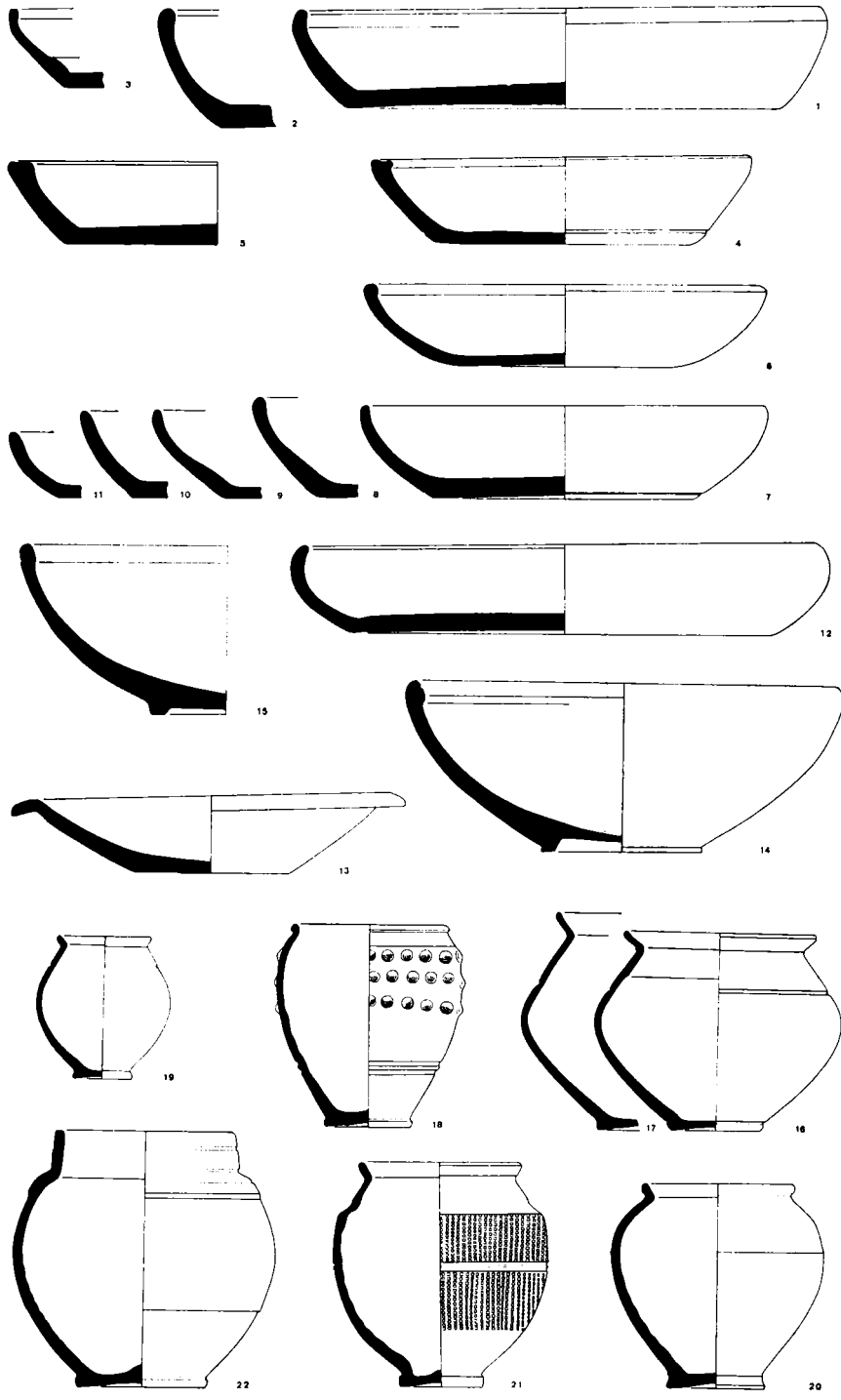
(Página deixada propositadamente em branco)



Est. II



Esc. 1:2



Est. IV

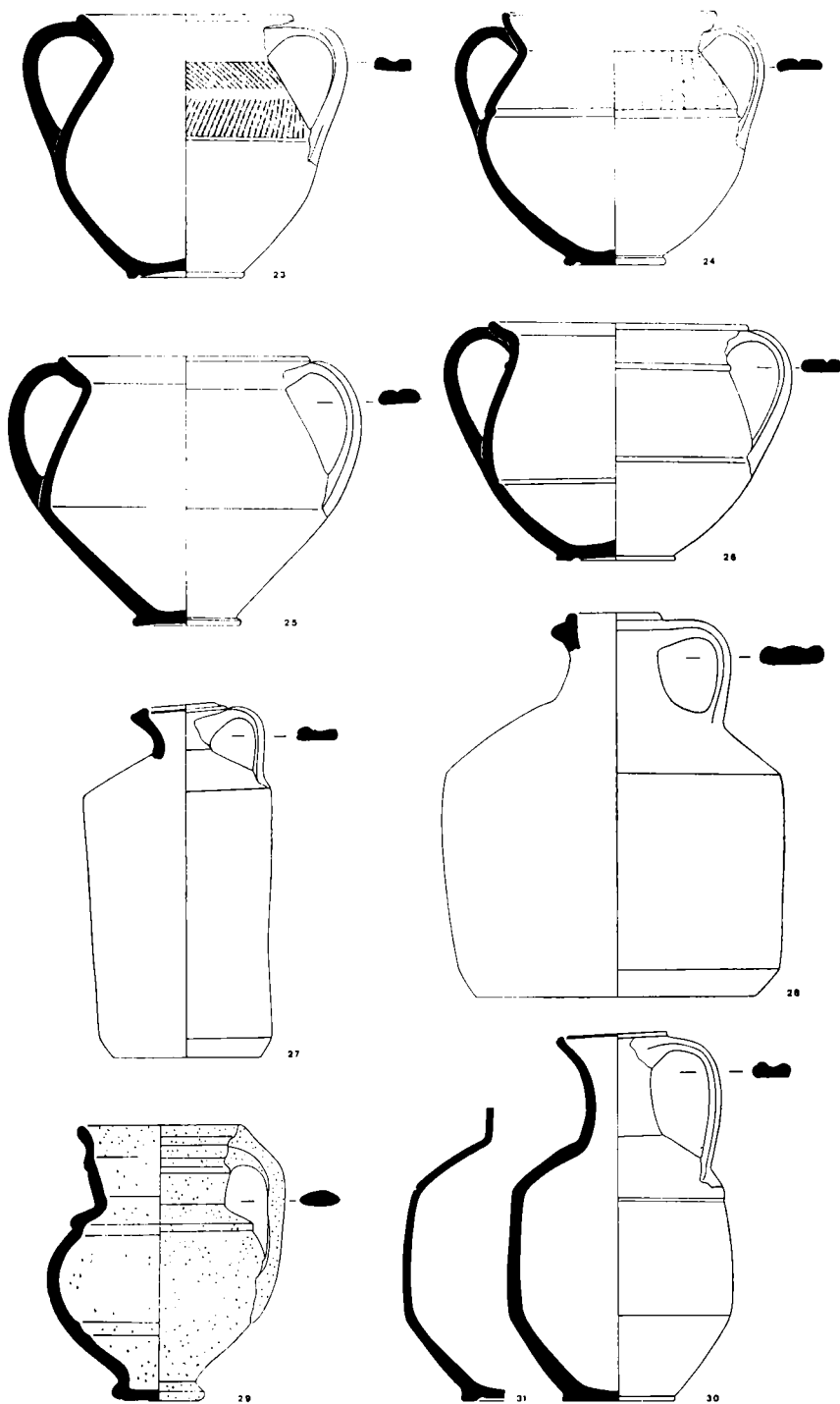
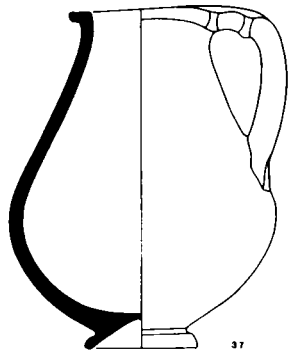
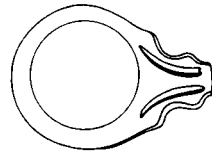
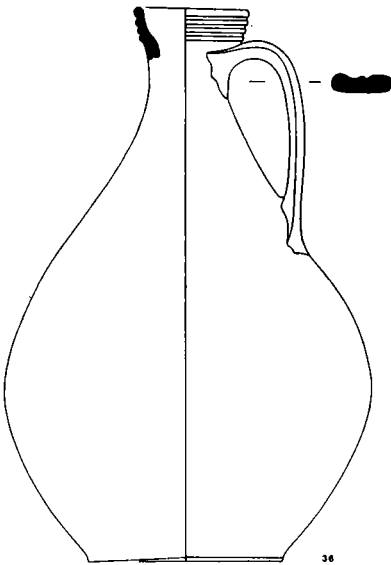
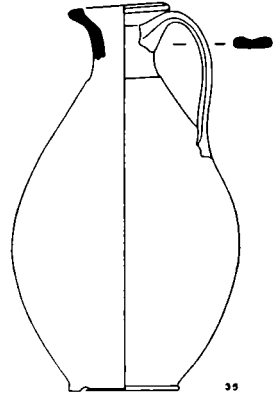
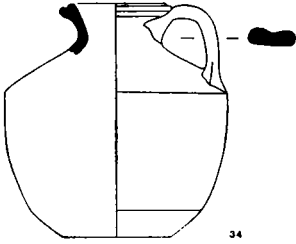
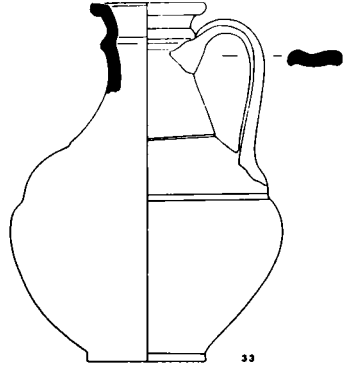
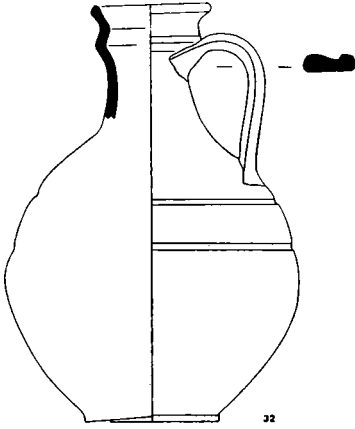


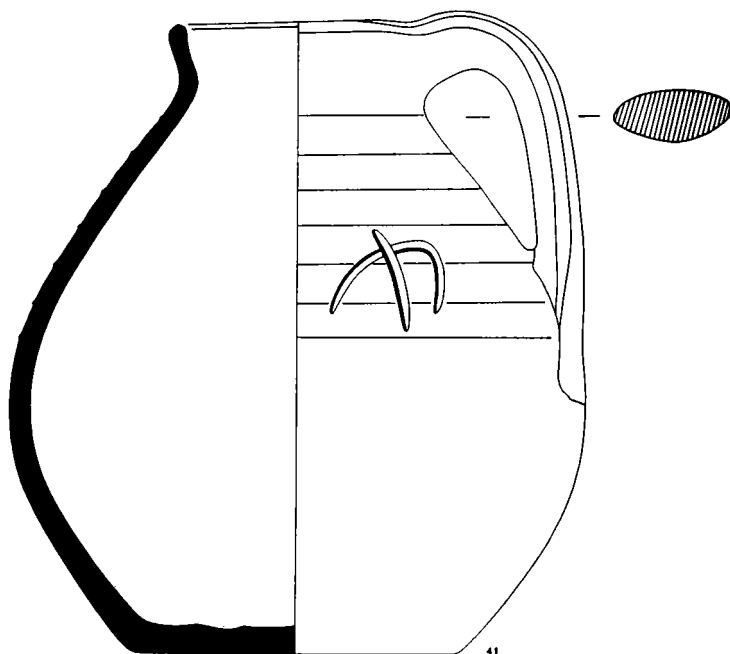
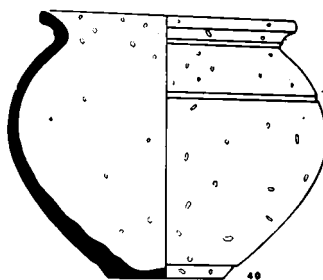
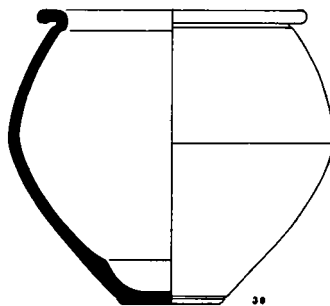
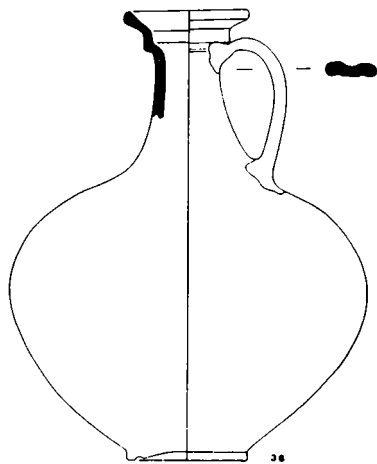
Fig. 1:3

Est. V



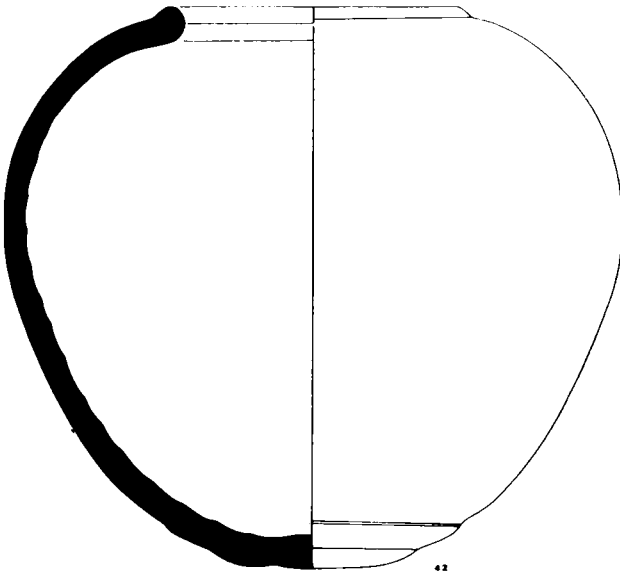
Esc. 1:3

Est. VI



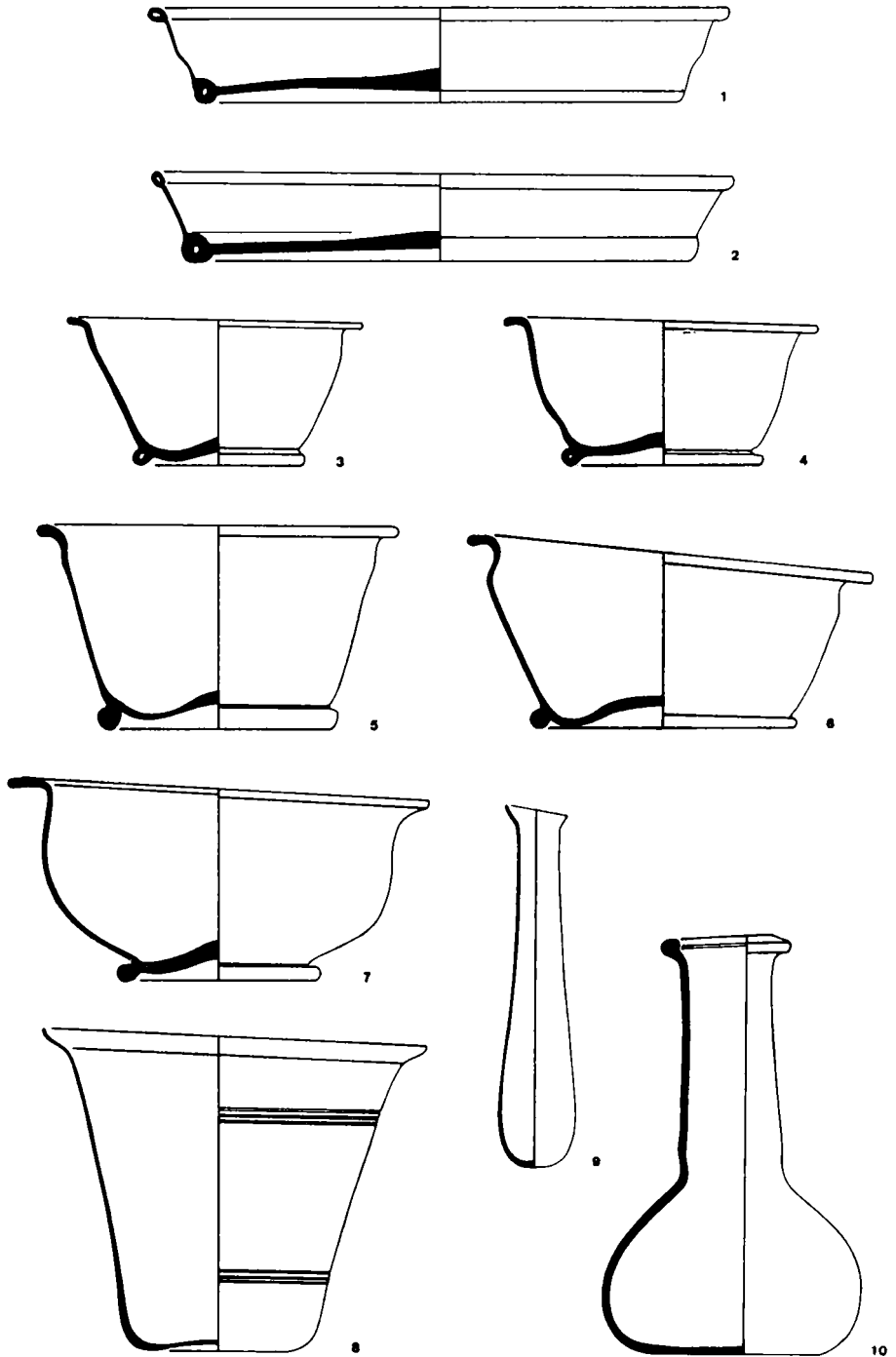
Esc. 1:3

Est. VII

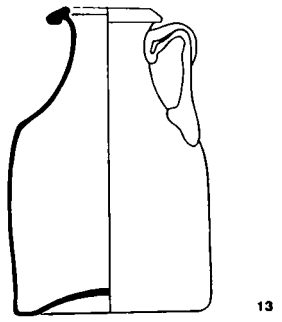
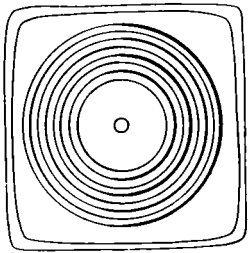
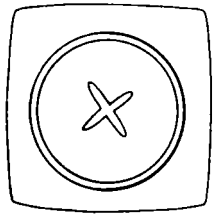
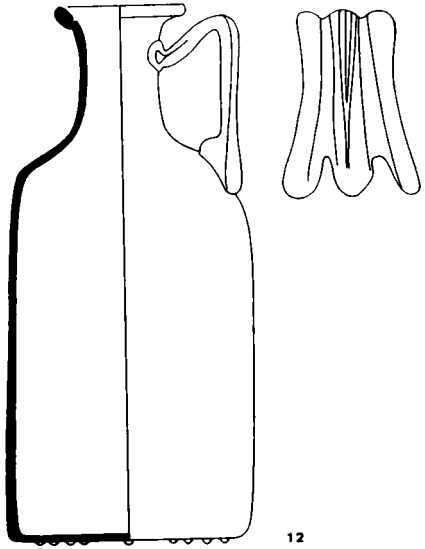
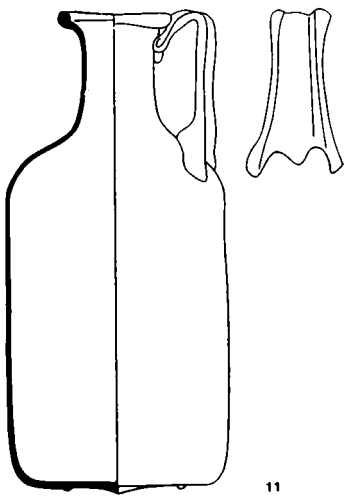


Esc. 1:3

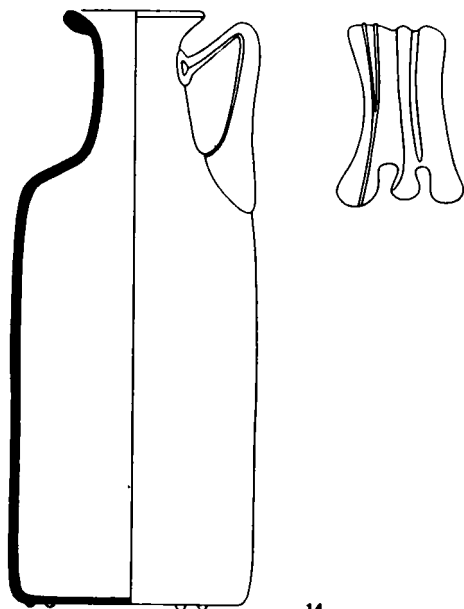
Est. VIII



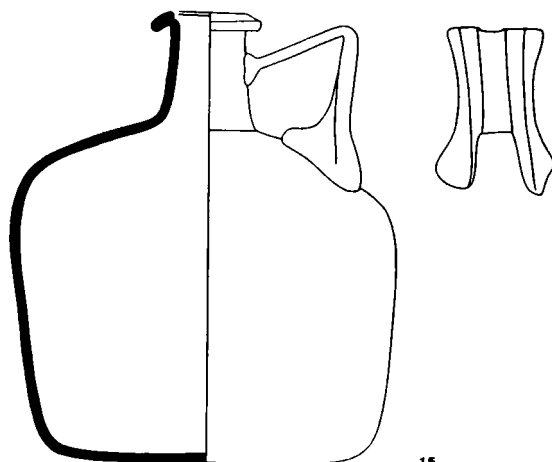
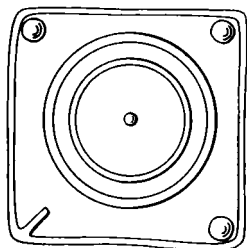
Esc. 1 : 2



Est. X



14



15

Esc. 1:2